

BILIONÁRIOS E MONOPÓLIOS CAPITALISTAS APROFUNDAM A DESIGUALDADE

Páginas 8 e 9



**NETANYAHU IMPÕE
HOLOCAUSTO CONTRA
PALESTINOS**

Lula tem que romper
relações com Israel

Páginas 14 e 15



**BOLSONARO, AS
FORÇAS ARMADAS E A
TENTATIVA DE GOLPE**

Sem Anistia
para golpista!

Páginas 10 e 11

CHARGE



FALOU BESTEIRA

“Essa cadeira aqui é uma cagada estar comigo, uma cagada”



Bolsonaro, em reunião entre o ex-presidente com ministros e assessores que discutir trama golpista.

PRESENTE!

Companheira Antônia, presente!

É com profundo pesar que o PSTU - Rio Grande do Norte informa o falecimento da companheira Antônia Moraes, vítima de um acidente de carro, na manhã do último dia 17. Antônia estava acompanhada de sua irmã, que sobreviveu e está sob cuidados médicos. Antônia era professora aposentada da rede estadual e professora ativa na rede municipal de Natal, onde trabalhava na Escola Municipal Professora Tânia Almeida, como coordenadora pedagógica.

Ela era uma militante histórica PSTU e fazia parte da direção do Partido no Rio Grande do Norte, com a tarefa de tesoureira

do diretório municipal de Natal. Sempre dedicada à luta por uma sociedade igualitária, ela também construía a CSP-Conlutas e os movimentos “Mulheres em Luta” e “Muda Sinte”.

“Toinha”, como era carinhosamente chamada pela nossa militância, era uma camarada exemplar e muito querida. Sempre se preocupava com detalhes que passavam despercebidos. Era uma pessoa doce, alegre e sempre disposta a acolher. Apaixonada pela vida, adorava viajar e se aventurar.

Nos solidarizamos com seus familiares, amigos(as) e colegas de trabalho. Que neste momento



difícil possamos encontrar conforto para nossos corações. Sigamos firmes na luta em direção ao horizonte socialista, como desejava nossa companheira.

Antônia, presente! Hoje e sempre!

PRESENTE!

Nota de pesar pelo falecimento de nosso camarada Claudelício dos Reis

Perdemos um companheiro aguerrido, que escreveu sua história junto com a do nosso partido. Perdemos um professor sempre muito firme na luta, que dedicou sua vida por uma Educação Pública de qualidade e para todos.

Claudelício morava em Sumaré (SP), onde construiu sua trajetória como professor da rede estadual de ensino. Também atuava sindicalmente nas lutas da sua categoria, como Conselheiro Estadual pela Apeoesp Sumaré/Hortolândia, atualmente como membro do Coletivo Reviravolta na Educação.

Para nós do PSTU Campinas, há muitos anos nossa história caminha junto com a de nosso companheiro. O professor, antes operário, por mais de 30

anos, se somou a nossas fileiras e ajudou a construir um programa para a revolução socialista. Claudelício teve, por toda vida, uma história dura, de muita luta e resistência. Enfrentou, com coragem, a dureza da vida, da exploração e da opressão. Acumulou ódio de classe contra esse sistema capitalista que empurra a classe trabalhadora para a miséria. Lutou com firmeza e nunca desistiu de construir um mundo socialista. Na dureza da vida, transbordou alegria e afeto por onde passou. Companheiro de uma risada contagiante, simples, solidário, de uma humanidade inspiradora, era convicto na luta, apaixonado pelo seu Corinthians e amigo imprescindível.

O PSTU-Campinas transmite toda solidariedade à nossa militância, a todos os familiares e amigos.

Hoje nos despedimos do professor, do camarada, que estará sempre presente entre nós, na luta por um mundo socialista!

Camarada Claudelício, PRESENTE!



SOLIDARIEDADE À PALESTINA!

FAÇA SEU CADASTRO NO SITE E BAIXE GRATUITAMENTE OS LIVROS EM PDF:



sundermann
WWW.EDITORIASUNDERMANN.COM.BR (11) 9845-5442



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica MarMar

CONTATO

FALE CONOSCO VIA WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Guerra, golpe e catástrofe ambiental: o capitalismo nos levará à barbárie

Ainda nos primeiros dois meses de 2024, já vemos dados e fatos que mostram como o capitalismo está levando a humanidade à barbárie econômica, social, política e ambiental.

Este tem sido um dos períodos mais quentes de toda a História do Brasil. Com uma mistura de calor extremo em algumas áreas, fortes chuvas, inundações e todo tipo de desastre ambiental. O aumento das tragédias e as bruscas mudanças do padrão climático e ambiental já são frutos do aquecimento global, causado pela alta emissão de carbono na atmosfera, promovido pelo modo de produção capitalista.

Novos estudos vêm revelando que o planeta se aproxima rapidamente de um ponto que não terá mais volta, ameaçando concretamente a própria vida humana.

Os desastres naturais não são naturais, mas sociais, dado que são frutos da ação humana e esta é organizada em algum tipo de sociedade, sendo, no momento histórico atual, o sistema capitalista. Com isso, conseguimos entender as dificuldades que a humanidade está tendo para reduzir as emissões de carbono. O problema é que a forma como o sistema capitalista funciona, com base no poder dos grandes monopólios, que devastam a terra para ter lucros e enriquecer os bilionários, é uma trava e impede que ocorram as mudanças na velocidade que seria necessária para diminuir o aquecimento global.

PARA ALÉM DO MEIO AMBIENTE, A CATÁSTROFE SOCIAL

O capitalismo vem promovendo outra catástrofe diretamente social. Estamos falando dos bilhões de pessoas condenadas à fome, à miséria, ao desemprego, aos baixos sa-



Estragos e prejuízos aos moradores causados pelas chuvas em Belford Roxo, na Baixada Fluminense, que teve diversos pontos de alagamentos com a enchente do rio Botas.

lários, a trabalhos precários e todo tipo de dificuldades para ter uma vida digna. Os dados reunidos e divulgados pela Oxfam sobre a desigualdade social no planeta são demonstrações de que a responsabilidade pela crise social que existe no mundo, hoje, é do próprio capitalismo e do modo como ele funciona.

Estamos falando do aumento da concentração e centralização de capitais e riquezas na mão de cada vez menos empresas e menos países, todos estes cada vez mais ricos. Isso se reflete, também, em uma desigualdade interna nos países. No Brasil, por exemplo, com a disparidade entre os lucros que vão para poucos e os salários que vão para muitos, a situação sempre piora em detrimento do trabalhador.

Mesmo os programas de investimentos, anunciados por Lula para reindustrializar o país, não se chocam contra o domínio das multinacionais e da burguesia na economia brasileira. Enquanto não enfrentarmos os bilionários capitalistas, que controlam as riquezas do país, não teremos nem de-

envolvimento nem melhorias das condições de vida dos trabalhadores e trabalhadoras. E, ainda, sequer derrotaremos a ultradireita bolsonarista que se alimenta desse sistema.

E, assim, seguiremos aprofundando os índices de desigualdade social, mesmo que possamos ver algum parco investimento aqui ou ali. Se não mudar o sistema, mesmo mais investimentos, ao contrário de se traduzirem em um desenvolvimento real do país, significarão mais dominação imperialista, mais submissão aos interesses burgueses e mais exploração e opressão para os trabalhadores e o povo pobre.

GENOCÍDIO NA PALESTINA: A PODRIDÃO DO CAPITALISMO A CÉU ABERTO

O capitalismo mundial vem demonstrando cada vez mais ser um sistema podre. Talvez o maior exemplo disso sejam as guerras que voltam a ganhar peso e relevância nesse momento de maior crise e decadência deste sistema.

O que está ocorrendo, hoje, na Palestina é um genocídio promovido pelo Estado fascista de

Israel. Esse país só existe porque tomou as terras dos palestinos, expulsando-os de suas casas, destruindo suas cidades, massacrando e assassinando milhões de jovens, mulheres e crianças, o que pode ser configurado como uma limpeza étnica. Denunciar a ideologia sionista, que alimenta isso, não tem nada a ver com ser antissemita.

Dizer que o que se passa na Faixa de Gaza é um genocídio comparável ao holocausto dos nazistas é dizer a verdade. O problema da fala do Lula é que o povo palestino precisa de muito mais neste momento. Afinal, há um genocídio em curso. E não se pode ser conivente com um país ou governo genocida. É preciso exigir que o governo Lula rompa as relações diplomáticas, econômicas, militares e políticas com Israel.

Os bolsonaristas se colam na defesa de Israel. Misturam religião e política e se aproveitam da fé do povo para defender um genocídio e um governo de ultradireita. Esses deputados bolsonaristas chegam ao ridículo de propor o impeachment de Lula, por conta de ter

chamado o genocídio promovido por Israel de genocídio.

Mas, é curioso que 20 deputados que assinaram o pedido de impeachment são da própria base aliada do governo. O que demonstra como não podemos confiar neste governo, afinal ele é composto por setores do Centrão, por ex-bolsonaristas e por grande parte da burguesia brasileira, além de apoiado pelo imperialismo mundial.

É PRECISO INDEPENDÊNCIA DE CLASSE PARA LUTAR CONTRA A CRISE DO SISTEMA E AS AMEAÇAS DA ULTRADIREITA

Enquanto isso, foi revelado, aqui no Brasil, que não só se aventou a possibilidade de um golpe no país em janeiro de 2023, como de fato tentaram. E quando viram que não tinham força suficiente, tentaram causar uma confusão para criar as possibilidades para o golpe. As revelações da operação da Polícia Federal demonstram que uma parte importante da cúpula militar é golpista e outra parte foi conivente, ao saber da trama e deixar correr solto.

O governo Lula, infelizmente, não vem tomando nenhuma atitude para punir os militares golpistas. Na verdade, vem fazendo acordões, acenos e tentando conciliar com os golpistas, confiando apenas na Justiça para enfrentar a ultradireita.

Isto tudo demonstra a importância de construir uma oposição de esquerda ao governo Lula. Não só porque, para enfrentar Israel até o fim, é preciso ter essa independência em relação ao governo Lula. Mas, também, para enfrentar a própria ultradireita bolsonarista. É preciso chamar os trabalhadores e trabalhadoras a lutar. É preciso enfrentar os golpistas, a burguesia e o sistema capitalista que promove isso tudo.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/42KXD09](https://bit.ly/42kXD09)

Capitalismo criou uma catástrofe climática

JEFERSON CHOMA, DA REDAÇÃO

A situação climática da Terra é alarmante. O ano de 2023 foi o mais quente já registrado na História. E o pior é que existe a possibilidade de 2024 ser ainda mais quente. Um estudo do Copernicus, o observatório climático europeu, aponta que janeiro passado foi o mês mais quente já registrado globalmente. A temperatura média do ar alcançou 13,14°C; ou seja, 0,70°C acima da média entre 1991 e 2020 para o mês e 0,12°C a mais, em comparação com janeiro de 2020, recordista anterior.

Parece pouco, não é? Só que não... Em comparação com a era pré-industrial (1850-1900), os primeiros 31 dias do ano foram 1,66°C mais quentes. Isto é, já ultrapassamos o limite de 1,5°C estipulado pelo Acordo de Paris.

Nas últimas semanas, um estudo publicado pela "Nature Climate Change" (especial sobre mudanças climáticas da revista científica "Nature") sugere que a Terra já estaria, hoje, 1,7 °C mais quente do que no período pré-industrial e, nos próximos anos, poderia ultrapassar os 2°C. Isso indica a falência completa dos acordos climáticos e a total incapacidade de que o capitalismo consiga parar a crise que o próprio sistema criou.

Os cientistas alertam que cruzar esse limite poderá resultar em um aquecimento global incontrolável, com um aquecimento superior a 2°C. Assim, muitos pontos de ruptura da Terra po-

NÚMERO RECORDE DE DIAS ACIMA DE 1,5°C EM 2023



Gráfico mostra aumento no número de dias com temperatura média acima de 1,5°C em relação aos níveis pré-industriais (vermelho escuro). Imagem: ECMWF (Centro Europeu de Previsões Meteorológicas a Médio Prazo)

derão ser acionados, tal como o degelo do "permafrost" (camada do subsolo da crosta terrestre que está permanentemente congelada); o derretimento das geleiras da Antártida e do Ártico; a acidificação e a elevação dos oceanos e a transformação da Amazônia em uma savana degradada, dentre outros fenômenos.

2024 COMEÇOU COM ENCHENTES, SURTOS DE DOENÇAS E INCÊNDIOS

Na última semana de janeiro, uma intensa onda de calor castigou a região central do Chile, com temperaturas entre 3 a 6 °C acima da média para esta época. Na primeira semana de fevereiro, mais de 15 mil casas foram destruídas, mais de 130 pessoas morreram e outras 200 estão desaparecidas.

Existe a suspeita de que o incêndio foi criminoso, mas a tragédia só atingiu tamanha magnitude devido às atuais condições climáticas e sociais. A especulação imobiliária, que joga o povo em moradias precárias, e a existência de enormes monoculturas de pinus e eucaliptos funcionaram com combustíveis para a multiplicação dos incêndios.

No Brasil, uma epidemia de dengue assola o país, associado a outros arbovírus (transmitidos por insetos) como a Zika e Chikungunya, transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti*. O calor intenso faz o mosquito da Dengue se reproduzir mais rápido, em apenas quatro dias, dobrando, assim, o número de mosquitos em relação ao ciclo normal. Mas, as precárias condições de moradia e a

falta de saneamento fazem com que a doença prolifere nos bairros mais pobres (ver páginas 6 e 7).

Ainda em janeiro, depois que fortes chuvas atingiram o Rio Grande do Sul, incluindo a capital Porto Alegre (RS), com ventos de até 107 km/h, mais de 1,3 milhão de pessoas ficaram, por dias, sem luz, sem água e sem internet. As fortes tempestades que castigaram o estado durante 2023 são consequências do fenômeno El Niño, potencializado

pelo aquecimento global.

Mas, a tragédia social que se seguiu é efeito direto das privatizações e da ausência de políticas públicas de prevenção e de infraestrutura. A Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) foi privatizada em 2021 e, desde então, os serviços se tornaram mais precários, para que a empresa possa lucrar mais. Repete-se, assim, o que aconteceu em São Paulo, em novembro, quando mais de 2,5 milhões de pessoas ficaram sem luz por uma semana.

SISTEMA

Capitalismo é a doença do planeta

O aquecimento global é consequência da grande indústria e da agricultura capitalista que superexploraram os combustíveis fósseis (petróleo, gás e carvão) por quase dois séculos. As consequências são os fenômenos climáticos extremos, como grandes ondas de calor e frio, secas e tempestades furiosas.

Mas, se o aquecimento é o elemento deflagrador dos eventos climáticos extremos, a tragédia é social e escancara a imensa desigualdade socioeconômica produzida pelo capitalismo e agravada por décadas de planos neoliberais. Nesse cenário, a adoção de medidas para mitigar (minimizar ou suavizar) os efeitos do aquecimento são irrealizáveis nessas condições de aumento da vulnerabilidade social, principalmente porque os governos respondem às tragédias com mais neoliberalismo: mais privatizações, mais cortes em investimentos nas áreas sociais e na infraestrutura necessária para enfrentar as mudanças climáticas.

No capitalismo, as tragédias continuarão com maior frequência e magnitude. Esse sistema é uma máquina de destruição social e ambiental e está a serviço da acumulação de riqueza nas mãos de uma pequena minoria da sociedade.

DEGRADAÇÃO

Amazônia está próxima do ponto de não-retorno

Metade da floresta amazônica pode estar exposta a uma degradação que, até 2050, levaria a Amazônia a um ponto de não retorno. Essa foi a conclusão de um estudo liderado por pesquisadores brasileiros e publicado na revista "Nature". O ponto de não-retorno é um estágio de transformação irreversível.

Segundo o estudo, entre 10% a 47% da floresta amazônica podem virar uma savana

degradada, com solo arenoso. Isso depende de vários fatores que se interrelacionam, tais como aquecimento global, os desmatamentos, chuvas e a intensidade das secas.

O aquecimento aumenta a temperatura e provoca secas extremas; enquanto o desmatamento diminui as chuvas na região. "Até 2050, os modelos projetam um aumento significativo no número de

dias secos consecutivos, em 10-30 dias, e nas temperaturas máximas anuais, em 2-4 °C, dependendo do cenário de emissões de gases com efeito de estufa (...). Estas condições climáticas poderiam expor a floresta a níveis sem precedentes de estresse hídrico", explica ao artigo

LEIA NO SITE: [HTTPS://BIT.LY/3T3JIS2](https://bit.ly/3T3JIS2)



INDÍGENAS

Após um ano do decreto de emergência do governo Lula, povo Yanomami segue em crise humanitária

Em 2023, 308 indígenas morreram na Terra Indígena Yanomami, segundo dados do Ministério da Saúde. Dessas, 53% eram crianças de até quatro anos.

“Vamos tomar todas as atitudes para tirar os garimpeiros ilegais e cuidar dos yanomamis”, disse Lula, em 30 de janeiro de 2023. Passado um ano, o que existe na Terra Indígena (TI) Yanomami, em Roraima, é o retorno do garimpo ilegal, a explosão de casos de malária e viroses, crianças desnutridas com os ossos à mostra, centenas de mortes e rios poluídos tomados pela lama. Um relatório da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), publicado em julho de 2023, por exemplo, apontou que 61% dos rios da TI estavam afetados pela atividade de mineração.

Essa situação crítica tem sido denunciada por associações e lideranças indígenas, que questionam o governo Lula e dizem que as ações do governo federal foram reduzindo ao logo do ano de 2023, o que permitiu o retorno dos garimpeiros. Também questionam a falta de ações na área da Saúde, pois os yanomamis seguem morrendo de doenças que poderiam ser evitadas.



LIDERANÇAS INDÍGENAS DENUNCIAM QUE LULA NÃO ESTÁ CUMPRINDO O QUE PROMETEU

Essas denúncias estão sendo feitas desde agosto do ano passado, quando três organizações indígenas — Hutukara Associação Yanomami, Associação Wanaseduume Ye'kwana e Urihi Associação Yanomami — divulgaram um relatório mostrando que o garimpo continuava ativo em áreas não identificadas nos monitoramentos oficiais. O relatório também apontou a diminuição das ações do governo federal na TI.

Em outubro, a liderança indígena Junior Hekurari Yanomami denunciou o retorno dos garimpeiros. “A presença das forças de segurança diminuiu significativamente. A gente percebeu que parou a operação de retirada dos garimpeiros. Então, eles estão aproveitando esse silêncio”, disse em uma entrevista ao jornal “Folha de S. Paulo”, em 20 de outubro de 2023.

Em entrevista ao jornal O Globo, também em outubro, o Cacique Raoni disse que o presidente Lula estava “devagar e não cumpriu o que prometeu no dia da posse”. Mês passado, o escritor e ativista Daniel Mundurucu

criticou a atuação do governo federal frente à crise na saúde na TI Yanomami. Sem citar a ministra dos Povos Originários Sonia Guajajara (PSOL), ele chamou a pasta de “cirandeira” e disse que há “muita festa” e “muito discurso” e “nada do necessário” para resolver o problema na região.

CRISE HUMANITÁRIA

A crise humanitária no maior território indígena do país segue. Em uma audiência pública, realizada em dezembro, o Procurador da República em Roraima, Alisson Marugal, reconheceu que não há um plano de estruturação: “O governo não tem um plano e não sabe o que fazer para garantir o que ele prometeu, que era acabar com a crise humanitária. Ou seja, estabelecer os serviços de saúde”.

Mas, as organizações indígenas seguem cobrando um plano por parte do governo federal. “O Estado brasileiro tem que criar um plano permanente, não um plano provisório. Não somos provisórios”, disse Junior

Hekurari Yanomami à “Folha”, na matéria mencionada acima.

Em uma nota técnica assinada pela Hutukara Associação Yanomami, a Wanaseduume Ye'kwana e a Urihi Yanomami, publicada no final de janeiro, cobra-se que o governo federal retome, com força, as operações de desintrusão de garimpeiros da terra indígena e elabore um plano de proteção territorial completo.

“O que se verificou ao longo de 2023 é que o garimpo permanece produzindo efeitos altamente nocivos para o bem-estar da população. Além de contribuir para a proliferação de doenças infectocontagiosas e dos impactos ambientais, a presença dos garimpeiros tem efeitos diretos na estabilidade política das regiões e na segurança efetiva das famílias indígenas e dos profissionais de saúde, em muitos casos inviabilizando a livre circulação das pessoas e a possibilidade da realização de visitas regulares às aldeias”, diz a nota técnica.

CALAMIDADE

Indígenas seguem morrendo por falta de assistência básica



Em 2023, 308 indígenas morreram na TI Yanomami, segundo dados do Ministério da Saúde (MS). Dessas, 53% eram crianças de até quatro anos.

As causas das mortes ainda são relacionadas à falta de assis-

tência. 66 indígenas morreram por doenças do aparelho respiratório. Outros morreram por doenças infectocontagiosas. São doenças que poderiam ser evitadas.

Dados do Ministério da Saúde (MS) também mostram que os casos de malária no território seguiram em alta, com mais de 25 mil notificações até o fim de outubro. Informações do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) mostram que entre as crianças de até 1 ano de idade, menos da metade recebeu todas as vacinas previstas. E na faixa de 1 a 4 anos, em metade dos polos a cobertura não atingiu 50%.

Isso se soma à denúncia dos indígenas quanto à falta de estrutura na área da saúde. Melhorar a estrutura de saúde para os yanomamis foi um dos pontos mais alardeados pelo governo federal em 2023. Mas isso não se concretizou.

Os indígenas ainda denunciavam que existe um déficit de recursos humanos para ocupar os postos de saúde. Em dezembro, havia sete médicos para atender toda a região, conforme dados do próprio MS. Há comunidades que são atendidas de maneira esporádica e sem infraestrutura adequada.

SAÍDA

Medidas concretas



É visível que não há uma prioridade do governo Lula com a pauta indígena, seja quanto resolver a crise humanitária na TI Yanomami, seja em relação ao enfrentamento dos grileiros, dos latifundiários, da tese do Marco Temporal e a efetivação da demarcação de todas as terras indígenas do país.

Para sair da crise humanitária, a TI Yanomami precisa urgentemente de:

– Investimentos em estruturas de serviços básicos de saúde.

– Reflorestamento e tratamento dos rios, necessários para a sobrevivência indígena. Hoje, esta é principal causa de insegurança alimentar.

– Repressão total ao garimpo. É preciso um plano para encerrar, de forma permanente, a invasão.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3T3JIS2](https://bit.ly/3T3JIS2)

EPIDEMIA

A dengue assola o Brasil

**DR. ARY BLINDER,
DE SÃO PAULO**

Nem bem saímos da pandemia de Covid e já temos que lidar com a epidemia de dengue. Em 2023, o Brasil teve 2,9 milhões casos de dengue e liderou o ranking global. No mundo inteiro houve 5 milhões de casos. Ou seja, o Brasil concentrou mais de 50% dos casos no planeta. Em 2024, já no início do ano, tivemos um aumento significativo de casos, o que acende o alerta vermelho, pois os meses tradicionais de pico da doença são março, abril e maio.

Até 13 de fevereiro de 2024, houve 512.353 casos no Brasil, e o avanço da dengue precisará ser acompanhado minuciosamente pelas autoridades da Saúde, nos níveis federal, estaduais e municipais, porque a incidência varia muito de acordo com a região do país. Em 2023, o país registrou 1.094 óbitos por dengue; em 2024, foram 75 mortes e 340 casos estão sob investigação.

O QUE SÃO AS ARBOVIROSES?

A dengue é uma doença causada por um arbovírus; ou seja, transmitida por insetos. No caso, o inseto é o *Aedes aegypti* (“odioso do Egito”), um mosquito caracterizado pelas listras bran-



Hospital de campanha em Ceilândia, no DF, para atender casos de dengue Foto: Fábio Rodrigues-Pozzebom/ Agência Brasil

cas que possui no seu corpo, por seus hábitos domésticos e que fixou “abrigo” nas cidades onde encontra mais gente para ser picada e locais com água parada, onde as fêmeas depositam seus ovos.

Outras arboviroses são a Zica, a Chikungunya, a febre amarela, a malária e a leishmaniose. No momento, as que mais nos preocupam são a Zica e a Chikungunya, pois estas também são transmitidas pelo mesmo *Aedes aegypti*. No Brasil, já enfrentamos as sequelas de uma epidemia de Zica, no Nordeste, há cerca de nove anos, quando nasceram vários bebês com microcefalia. As gestantes tiveram a Zica e, infelizmente, os fetos sofreram de mal formação.

AQUECIMENTO GLOBAL E URBANIZAÇÃO PRECÁRIA

É correto dizer que a domesticção do *Aedes* nas grandes cidades do Brasil é um subproduto do processo de urbanização forçada e desordenada, causada pela industrialização impulsionada nos anos 1970 do século passado, durante a Ditadura Militar (1964-85). Grandes massas de trabalhadores saíram do campo em busca de trabalho nas grandes cidades, de forma desordenada e sem as condições adequadas de moradia e saneamento básico, situação que perdura até hoje.

Somaram-se a isso as consequências do aquecimento global. A subida da tempera-

tura e as grandes chuvas que temos visto nos últimos anos criam um ambiente muito propício para a multiplicação do *Aedes*. Nos últimos anos, até na região Sul do país, que não costumava registrar tantos casos, assistiu um importante aumento. O mesmo tem acontecido na região Centro-Oeste. Em 2024, o Distrito Federal está liderando a tabela de casos no Brasil, com um coeficiente de incidência nove vezes maior do que a média do país. São 2.286,2 casos por 100 mil habitantes, enquanto a média nacional é de 252,3/100 mil.

Se usarmos o padrão de 300 casos por cem mil habitantes para declarar uma epidemia, este patamar já foi

ultrapassado no Distrito federal, Minas Gerais, Acre, Paraná, Goiás e Espírito Santo.

A explosão de casos de dengue no Brasil é o subproduto do capitalismo brasileiro (expansão urbana desordenada e massiva) severamente impactada pelo aquecimento global, que também é um subproduto do capitalismo mundial.

Quando houve a explosão da Covid, afirmávamos que a destruição ambiental pelo desflorestamento facilitou a migração do vírus para o ambiente urbano. Agora, afirmamos que o aquecimento (que é mundial) traz consigo a ampliação de fronteiras para a arbovirose, que começa a aparecer também nos países mais ricos.

SAÍDA

Como enfrentar a epidemia?

É público e notório que o vetor, o *Aedes*, se multiplica onde encontra as condições propícias; ou seja, acúmulo de água limpa. Está dentro das casas e nas ruas, nos pneus jogados em locais impróprios, nos famosos pontos de descarte nas grandes cidades, onde a população joga suas sobras. Assim, é necessária uma mobilização popular através de mutirões para acabar com todos os lu-

gares onde este acúmulo de água acontece.

Contudo, também há muitas propriedades nas quais ninguém reside, mas o proprietário não deixa a vigilância entrar para procurar os focos de criadouros. Seria preciso que o Governo Federal criasse um verdadeiro mutirão nacional de fiscalização e jogasse seu peso político e financeiro para, inclusive, poder cobrar pro-

vidências para que os municípios se mexam e vençam os obstáculos.

No caso dos terrenos onde os proprietários não permitem a entrada, há cidades usando a tecnologia dos drones. Nos casos em que se detectam focos nestes terrenos, a entrada dos fiscais é uma questão de Saúde Pública. A defesa da vida e da saúde da população é mais importante do





que a defesa do direito de propriedade.

Ainda não existem tratamentos específicos para a dengue, o que se trata é a desidratação causada pela febre, a queda de plaquetas (que pode causar graves pro-

blemas de coagulação). Enquanto isto, infelizmente, também temos visto, nas redes sociais, gente produzindo “fake News” e divulgando tratamentos sem fundamentação científica (inclusive o ressurgimento da defesa do tra-

tamento com ivermectina, o que simplesmente é mentira).

Outra iniciativa em nível da Saúde Pública é o uso da bactéria Wolbachia para destruir os ovos, mas isto ainda está em fase de estudo.

A VACINA

Existem duas vacinas já aprovadas para uso, uma da Sanofi e outra da Takeda. O Brasil foi o primeiro país a colocar a vacinação contra a dengue na lista de vacinação regular da rede pública. Contudo, há limites na eficácia das vacinas, por vários motivos. O primeiro é que a dengue tem 4 subtipos e, assim como o fato de se ter tido um tipo de dengue não é impeditivo para ter os outros, o mesmo se aplica às vacinas.

Além disso, as duas são feitas com vírus atenuados. No caso da Takeda, a vacina QDenga (que foi comprada pelo Ministério da Saúde), parece ser relativamente eficaz para os tipos 1 (69,8%) e 2 (95,1%). Já para o subtipo 3 a eficácia é menor (48,9%) e em relação ao subtipo 4, ainda

não há avaliações. No Brasil a circulação maior é dos subtipos 1 e 2.

A vacina QDenga tem que ser aplicada com reforço, em três meses. Ainda não pode ser usada em crianças abaixo dos quatro anos e idosos, por falta de dados de segurança em relação a estas faixas etárias. O Brasil comprou 6 milhões de doses, que era a capacidade da fábrica para 2024. Ou seja, só será possível imunizar 3 milhões de pessoas.

O Instituto Butantan está desenvolvendo uma outra vacina, que parece ser melhor, mas ainda está em fase de testes. O resumo de tudo isso é que, a curto prazo, a vacinação pode atenuar o problema da dengue, mas está longe de resolvê-lo. Principalmente pela baixa capacidade de produção da vacina e pela eficácia apenas moderada.

FORTALECER A SAÚDE PÚBLICA

Mobilizar a população para erradicar a doença

Como conclusão, em 2024, é vital o acompanhamento epidemiológico da dengue, assim como da Zika e da Chikungunya. É preciso, desde já, mobilizar a população para erradicar os locais de proliferação do Aedes e, também, tomar medidas rápidas para não deixar o sistema de saúde dos municípios epidêmicos colapsar pela quantidade de casos.

O povo também precisa se organizar para exigir melhores condições de saneamento básico. A ideia de privatizar as empresas de saneamento, pela experiência mundial, não é positiva, pois as empresas jogam o custo para cima da população pobre. O direito à água bem tratada deveria, sempre, vir antes da pretensão melhora que a privatização diz trazer e que não se confirmou em vários países.

É preciso, também, acelerar os testes da vacina do Butantan, para viabilizá-la o

quanto antes. O Governo Federal vai ter de aumentar o envio de verbas para a saúde e não poderá transformar o Ministério da Saúde em moeda de troca com o Centrão.

O retorno do Ministério para o controle de políticos com interesses escusos, como infelizmente assistimos durante a pandemia de Covid, seria um cenário odioso. O aumento de verbas para o controle de arboviroses é vital, pois há muitos gastos necessários, como a compra da vacina e de “kits” de diagnóstico, a disponibilização de inseticidas e gastos com campanhas educativas e de mobilização da população.

Por fim, mas não menos importante, todos devem tomar o máximo de cuidado para não disseminar “fake News”, terreno propício para negacionistas e terraplanistas aumentarem seu público.

*Ary Blinder é médico pelo Sistema Único de Saúde (SUS).



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/48P9VIV](https://bit.ly/48P9VIV)

RICOS CADA VEZ MAIS RICOS, POBRES CADA VEZ MAIS POBRES

Bilionários e grandes monopólios aprofundam a pobreza e a desigualdade

JÚLIO ANSELMO E DIEGO CRUZ, DA REDAÇÃO

A imprensa, a burguesia e os governos repetem que, para solucionar os problemas econômicos do Brasil, é preciso mais capitalismo. Ou seja, defendem que atrair grandes empresas multinacionais, investimentos estrangeiros e garantir os interesses dos bilionários, criaria empregos e abriria possibilidades melhores para os trabalhadores e trabalhadoras.

A lógica de todo esse raciocínio está invertida. A realidade é que, longe de “democratizar” a riqueza, promover melhorias sociais ou garantir vida digna para os trabalhadores, o capitalismo está levando o mundo e o Brasil a cada vez mais concentração e centralização de riqueza, maiores níveis

de desigualdade social, crises e, inclusive, guerras.

5 BILHÕES NA POBREZA

Os defensores do capitalismo dizem que o problema é a crise causada pela pandemia, que afetou todo mundo. Será mesmo? Na metade de 2022, quando a renda das famílias atingia, aqui no Brasil, seu menor índice em 10 anos, as fortunas dos bilionários só aumentavam. Essa tendência foi mundial, segundo dados do recém divulgado relatório “Desigualdade S.A.”, produzido pela ONG Oxfam, organização dedicada ao levantamento e estudo das desigualdades no mundo.

Segundo o estudo, de 2020 até hoje, os cinco homens mais ricos do mundo duplicaram suas fortunas, enquanto 5 bi-



lhões de pessoas ao redor do planeta, ou 60% da população mundial, naufragaram ainda mais na pobreza, principalmente aqueles e aquelas pertencentes aos setores mais oprimidos da classe, como os negros, mu-

lheres, LGBTI+, povos originários e imigrantes.

NÃO DÁ NEM PRA IMAGINAR

Já imaginou como seria um alívio dobrar a renda nesse período? Daria para sair um pouco

do sufoco, quitar dívidas e até comer um pouco melhor. Agora, quem duplicou suas fortunas acumulou uma riqueza que é até difícil mensurar. Para se ter uma ideia, se cada um deles gastasse o equivalente a 5 milhões de reais por dia, uma quantia que nenhum trabalhador vai ver na vida, seriam necessários 476 anos para gastarem tudo o que têm. É desse nível de desigualdade que estamos falando.

Se a crise capitalista e o processo de monopolização e concentração do capital já aprofundavam as desigualdades, à custa do aumento da exploração, da pobreza e da rapina dos países subordinados como o Brasil, após a pandemia isso deu um salto. A tal ponto que 0,1% dos mais ricos detém 43% de todas as riquezas.

MONOPÓLIO

Menos empresas, mais controle e mais lucros

Por trás da explosão das fortunas desse 0,1% de bilionários, está o salto de 89% (entre 2021 e 2022) no lucro das maiores empresas do mundo, quando comparados com os dois anos anteriores. Entre essas empresas estão grandes companhias de petróleo e gás, marcas de produtos de luxo, bancos internacionais e, evidentemente, grandes empresas farmacêuti-

cas, que lucraram horrores nesse período à custa de pesquisas e dinheiro público.

O salto nesses lucros foi impulsionado pelo acelerado processo de concentração: 0,001% das maiores empresas do mundo abocanharam um terço de todos os lucros. Ou seja, houve um aprofundamento dos monopólios: cada vez mais, toda a economia é controlada por um

pequeno punhado de megaempresas, que acumulam um capital astronômico.

Para se ter uma ideia, se a Apple (que produz o iPhone) fosse um país e seu valor de mercado um “PIB” (Produto Interno Bruto, ou seja, a soma de todas as riquezas produzidas em um país), seria a sétima maior economia do mundo, ao lado França.

TÁ TUDO DOMINADO

As “Big Tudo”

Veja como, no capitalismo, a monopolização concentra capital num número cada vez mais reduzido de megaempresas. São poucas empresas, com orçamentos de verdadeiros Estados, que, junto aos imperialismos, beneficiam-se do papel subordinado dos países periféricos, mantendo-os como meros exportadores de matérias-primas



10 maiores farmacêuticas surgiram da fusão de 60 empresas.



Duas grandes empresas controlam mais de 40% do mercado de sementes.



Quatro empresas detêm 62% do mercado de pesticidas no mundo.



Três quartos dos gastos com publicidade no mundo online se concentram na Meta (Facebook, Instagram, WhatsApp), Alphabet (Google) e Amazon.

EMPRESAS QUE MAIS LUCRAM



RETROCESSO

Desigualdade, recolonização e rapina

A crescente dominação dos grandes monopólios avança sobre os países subordinados, como o Brasil, controlando a maior parte da economia.

Um cereal que você compra na prateleira de um supermercado é de uma grande multinacional; a matéria-prima utilizada,

como soja e milho, também é produzida por grandes empresas transnacionais no campo; e a própria rede de supermercado, muitas vezes, também é internacional. E, em todas essas fases, por cima de tudo, estão grandes gestoras de fundos financeiros, como a norte-ame-

ricana BlackRock, que ainda luta horrores com o esquema da dívida pública.

O mesmo ocorre com as privatizações, com os grandes monopólios avançando sobre serviços básicos, como está acontecendo, agora, com a Sabesp, a empresa de saneamento e água

em São Paulo. Educação, saúde, saneamento básico, tudo vale para arrancar o máximo de lucro para os monopólios.

É uma grande teia que se espalha por praticamente todos os setores da economia, tanto públicos quanto privados, interligada pelo grande capital finan-

ceiro, drenando as riquezas produzidas pela classe trabalhadora para um punhado de megasempresas e bancos. E, destes, para os 0,001% de bilionários que veem suas fortunas crescerem, enquanto para 5 bilhões de seres humanos mundo afora a única coisa que cresce é a pobreza.

RETRATO

Desigualdade explode no Brasil

Levantamento realizado pelo Observatório de Política Fiscal da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a partir de dados da Receita Federal e da declaração dos impostos das pessoas físicas, atesta que, nos últimos anos, a renda dos mais ricos cresceu num ritmo duas ou três

vezes maior que a média de 95% dos brasileiros.

Quanto mais rico o estrato de renda, mais cresceram. A própria estrutura, mostrando que 95% da população adulta recebe uma média de R\$ 2,3 mil, já é uma mostra da brutal desigualdade que marca o país.

ROUBO

Aumento da exploração: menos salários, mais lucros

Levantamento realizado pelo jornal "O Globo" mostra que a parte dos salários perdeu espaço no conjunto total da economia, atingindo o menor nível em 19 anos. Enquanto que, em 2017, a renda dos assalariados compunha 44,7% do PIB;

em 2021, essa fatia era de apenas 39,2%. Já os lucros fizeram o caminho inverso: de 32,1%, em 2015; passaram a 37,5% do PIB, em 2021.

O que isso significa? Cada vez mais, a riqueza produzida pela classe trabalhadora é apropriada

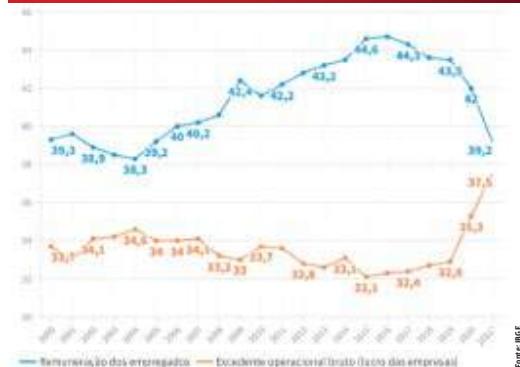
na forma de lucro pelas grandes empresas, e menos retorna na forma de salários. É o resultado direto da Reforma Trabalhista, da precarização do trabalho, marcada pela "pejotização", e a consequente queda dos salários. O que, em proporção direta, vai turbinar os lucros das empresas.

É desta forma que a corrosão dos salários, a precarização generalizada pela "uberização" e demais plataformas, fazem com que, principalmente, as grandes empresas, as "big tech" e os grandes monopólios internacionais enriqueçam cada vez mais. E que seus bilionários façam suas fortunas crescerem à custa da pobreza da classe trabalhadora e da grande maioria da população.

Quem ganha mais, cresce mais

População	Número absoluto - 2022	Variação 2017/2022
0,1%	153.666 (renda média = R\$ 441 mil)	87%
1%	1.536.670 (renda média = R\$ 87 mil)	67%
5%	7.683.352 (renda média = R\$ 29.500)	51%
95%	146.662.846 (renda média = R\$ 2,3 mil)	33%

DISTRIBUIÇÃO DO PIB PELA RENDA



Fonte: IBGE

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/318UULS](https://bit.ly/318UULS)

CHEGA!

Tirar dos bilionários para que o povo trabalhador tenha vida digna

O povo está cada vez mais pobre porque 0,01% dos bilionários multiplicam suas fortunas diariamente. Fazem isso através dos governos, lucrando com a dívida pública, com as privatizações e a exploração de serviços públicos essenciais, ou com o controle direto da economia, através dos monopólios, rebaixando salários por um lado e aumentando os preços, por outro.

Até a destruição do meio ambiente e o genocídio dos povos indígenas, articulados por grandes mineradoras, têm como objetivo o enriquecimento de um punhado de ricos estrangeiros.

No capitalismo, os bilionários ganham por todos os caminhos. Controlam o poder econômico e o poder político, além do sistema judiciário. Por isso, ganham na crise e, também, ganham na bonança. Para mudar de vez a vida da classe trabalhadora, é preciso tirar dos bilionários, expropriar as 250 maiores empresas, começando pela reestatização das empresas privatizadas, e parar de pagar a falsa dívida aos banqueiros.

É necessário sobretaxar os lucros e dividendos dos bilionários, acabando com a obscena isenção dos super-ricos. Mas é preciso ir

além. Não é possível garantir emprego, salário e direitos se os bilionários lucram justamente com a precarização, o subemprego e a crescente superexploração. Não tem como garantir saúde, educação e serviços públicos, se os monopólios lucram com a privatização, a piora e o encarecimento dos serviços. É preciso enfrentar os bilionários para termos emprego, salário, direitos, saúde, educação pública, gratuita e de qualidade.

Para ter dinheiro para garantir tudo isso e, ainda, construir um plano de obras públicas que garanta moradia, saneamento, trans-

porte público e estatal, é preciso tirar dos bilionários, que enriqueceram justamente se apropriando dos recursos e das riquezas produzidas por nós. Precisamos tomar de volta o dinheiro dos bilionários

ENFRENTAR O CAPITALISMO

O imperialismo e a própria burguesia não são homogêneos. Alguns setores defendem mais subsídios à indústria, por exemplo, como estamos vendo, agora, com Biden. Outros setores são mais ligados aos bancos e defendem mais austeridade. Mas, todos estão juntos para manter esse sis-

tema que, cada vez mais, só acumula nas mãos de poucos.

O governo Lula anunciou um pacote bilionário de ajuda à indústria, com o discurso de que, fazendo crescer a economia, todos ganhariam. Mas, crescer sob as bases do capitalismo só beneficia os bilionários (sejam da indústria, do agro, do setor financeiro etc.) e não traz nenhuma mudança estrutural. Vimos isso nos 13 anos de governo petista. É preciso enfrentar o sistema, bater de frente com os bilionários, expropriar as grandes empresas e mudar de verdade a realidade desse país.

CONSPIRAÇÃO

Bolsonaro, as Forças Armadas e a tentativa de golpe

MARIÚCHA FONTANA, DA REDAÇÃO

Os fatos revelados pela operação da Polícia Federal (PF) estão longe de escancarar toda verdade, mas mostram o papel-chave e específico das Forças Armadas na extrema direita brasileira.

Além de revelar a participação de parte da alta cúpula das Forças Armadas (FFAA) na trama golpista, as últimas revelações mostram que os que não aceitaram dar o golpe sabiam do andamento do mesmo e não disseram nada a ninguém. De maneira que muitos articulistas da própria imprensa burguesa não botam a mão no fogo sobre o que aconteceu exatamente. Ao ponto de muitos se questionarem se os demais militares foram realmente contrários, ou se apenas não aceitaram participar na “hora H”.

Um articulista do jornal “Folha de S. Paulo”, por exemplo, questionou: Se toda conspiração foi feita com conhecimento dos superiores, por que



Bolsonaro em reunião do dia 5 de julho de 2022 com ministros onde discutiram estratégias golpistas.

os golpistas não foram presos? Por que golpistas foram ou estavam para ser promovidos ou nomeados para postos importantes? Os comandantes queriam abafar o caso ou temiam que eles mesmos fossem derubados, presos ou mortos?

OS FATOS ANTES CONHECIDOS E OS AGORA REVELADOS

Em janeiro do ano passado, logo após o dia da intentona golpista do dia 8, foi

encontrada uma “Minuta do Golpe” na casa de Anderson Torres, ex-Ministro da Justiça de Bolsonaro.

Em maio, Mauro Cid foi preso, sendo libertado em setembro, após acertar uma delação premiada com o Supremo Tribunal Federal (STF). Ele implicou Bolsonaro nos planos de golpe de Estado, no escândalo das joias sauditas e na fraude de cartões de vacinação da Covid-19.

Bolsonaro teria tido acesso à “Minuta do Golpe” e fez alterações nela. O documento determinava a prisão de várias autoridades, incluindo o juiz Alexandre de Moraes, e convocava novas eleições.

A reunião de Bolsonaro com seus ministros, onde foi discutida a proposta de golpe, foi realizada em 5 de julho de 2022. Dias depois, Bolsonaro realizou uma reunião com 70 embaixadores e questionou o uso das urnas eletrônicas nas eleições.

MESMO IMPROVÁVEL, UMA TENTATIVA DE GOLPE FOI ARTICULADA

Parte da burguesia reagiu. Os Estados Unidos enviaram uma série de emissários para o Brasil para conter as FFAA. A nossa avaliação era de que seria muito improvável realizar um golpe vitorioso por não haver apoio na maioria da burguesia e no governo dos EUA, diferente de 1964.

Mas, dizíamos, também, que era possível uma tentativa de golpe, por uma combinação de fatores: Bolsonaro

tinha uma base mobilizada; tinha apoio de uma fração da burguesia, especialmente do agronegócio; tinha grande incidência sobre as FFAA e nas polícias e, ainda, havia a referência em Trump.

A rigor, esta investigação revela que houve uma tentativa de golpe e que a participação da cúpula das FFAA, por ação e por omissão, foi maior do que era de se esperar, perante a movimentação do imperialismo e da burguesia.

No dia seguinte à reunião com os embaixadores, o Departamento de Estado dos EUA (equivalente ao Ministério das Relações Exteriores), que desde 2021 já vinha enviando emissários para segurar as FFAA, endossou o sistema de votação em um comunicado.

Na semana seguinte, o Secretário de Defesa norte-americano veio ao Brasil, realizou um encontro regional de Ministros da Defesa e deixou uma nítida mensagem aos militares de que não haveria apoio a um golpe e, sim, consequências.

CRONOLOGIA - A SUCESSÃO DE EVENTOS NA TENTATIVA GOLPISTA

<p>NOVEMBRO 22</p> <p>Terminadas as eleições, no final de outubro e início de novembro de 2022, foram bloqueadas 814 estradas no país.</p>	<p>02 / 11</p> <p>Atos na frente dos quartéis, clamando por golpe militar. Parte dos manifestantes permaneceram acampados: 43 mil, segundo o Exército</p>	<p>11 / 11</p> <p>Os comandantes das Forças Armadas Almir Garnier (Marinha), Marco Antônio Freire Gomes (Exército) e Carlos Baptista Junior (Aeronáutica) assinaram uma nota conjunta intitulada “Às Instituições e ao Povo Brasileiro”, em defesa dos protestos.</p>	<p>15 / 11</p> <p>Manifestação em Brasília em frente ao Quartel Geral do Exército, que teve o custo R\$ 100 mil, financiado pelo agronegócio, segundo áudio de Mauro Cid ao General Freire Gomes</p>	<p>28 / 11</p> <p>Neto convocou reunião com Oficiais das Forças Especiais (Kids Pretos), que, no dia 12/12, foram centrais no quebra-quebra em frente à sede da PF, no incêndio de oito veículos e no saque de várias lojas.</p>	<p>JANEIRO 23</p> <p>Coronel Correa</p> <p>Em 08 de Janeiro (B.) Kids Pretos fizeram os movimentos mais decisivos na invasão dos prédios representativos dos “três poderes”.</p>
---	--	--	---	---	---

SAIBA MAIS

- Os novos fatos**
- A “Minuta do Golpe” foi apresentada aos comandantes do Exército, da Marinha e ao Ministro da Defesa, no começo de dezembro.
 - Segundo Mauro Cid, o general Estevam Theófilo, responsável pelo Comando de Operações Especiais, aprovou a minuta. A Marinha também. Freire Gomes, do Exército, e o general Batista, da Aeronáutica, não aprovaram o texto.
 - O General Heleno comandava uma força paralela ao Gabinete de Segurança Institucional (GSI), que monitorava adversários e a localização do ministro Moraes, que, segundo a PF, seria preso em dezembro.
 - Os generais que não toparam o golpe, no entanto, sabiam da conspiração e não falaram coisa alguma com ninguém. Pelo contrário, seguiram com suas nomeações, promoções e em silêncio sobre os golpistas.

BOLSONARISMO

A especificidade da extrema direita brasileira

As raízes socioeconômicas e políticas da extrema direita dizem respeito à crise do capitalismo, fazendo parte de um fenômeno mundial. Aqui, a profunda decadência do país, administrado por PSDB e PT durante anos, nos levou até Bolsonaro.

O PT governou e continua governando nos marcos do capitalismo e das exigências impostas pelos ajustes neoliberais e esse processo penaliza a classe trabalhadora, a

fragmenta e a empobrece, o mesmo acontecendo com os setores médios, em benefício dos monopólios.

Esse processo deu base ao bolsonarismo e ao governo semi-bonapartista de Bolsonaro, cujo projeto era mudar o regime. Algo que se combinou com uma especificidade brasileira: as Forças Armadas, de tradição golpista, e que saíram intactas da ditadura, foram um componente fundamental do governo Bolsonaro.

Parte dos dirigentes da tentativa golpista foram generais que, contudo, não conseguiram arrastar a maioria do Alto Comando. Ao que tudo indica, não por legalismo ou “apreço à democracia”, mas porque Biden, dessa vez, não queria (até porque fortaleceria Trump) e nem a maioria da burguesia brasileira apoiava a iniciativa golpista.

O governo Bolsonaro e o bolsonarismo fazem parte

de um fenômeno mundial, como expressão da crise econômica e social, das democracias representativas (e da socialdemocracia), que tem levado ao surgimento e a vitórias eleitorais de setores da extrema direita em vários países.

Pela primeira vez, desde a ditadura, tivemos um governo abertamente de extrema direita. A volta dos militares para a política mostra a profundidade da crise. Ates-

ta a falência e esgotamento da Nova República (período iniciado após o fim da ditadura, em 1985) e revela um país que vem vivendo um profundo processo de decadência em meio à crise mundial do sistema capitalista.

Além disso, o pacto e a Lei da Anistia, nos anos 1980, impediram um acerto de contas com a ditadura, preservando as Forças Armadas intactas, e, agora, estão cobrando seu preço.

SEM ANISTIA PARA GOLPISTAS!

Passando pano para golpista mais uma vez!

Governo Lula-Alckmin não enfrenta a direita, concilia com ela



Forças Especiais do exército, os 'kids pretos', podem ter participado da tentativa de golpe do 8J

O governo Lula-Alckmin, de alianças amplas com a burguesia, não combate a extrema direita. Seja do ponto de vista do projeto socioeconômico, seja no que se refere a enfrentar e tentar resolver uma tarefa política democrática inconclusa e muito importante, não dando anistia, não conciliando com golpistas e acabando com seus privilégios. Na verdade, faz o oposto.

Lula apostou na pacificação com as FFAA da ditadura e, ainda, aposta que a democracia dos ricos e a atual institucionalidade burguesa vai garantir liberdades democráticas. E que os bilionários capitalistas serão sempre muito agradecidos ao seu governo social-liberal.

Mas a aliança com os bilionários capitalistas, com a Faria Lima (avenida paulistana símbolo do poder do capital), com o PSDB e demais partidos burgueses, assim

como com parte da base bolsonarista, nos limites da Lei de Responsabilidade Fiscal, que o seu Arcabouço Fiscal expressa e reproduz, ainda que de forma diferente, mantém as mesmas condições sociais que deram base ao bolsonarismo.

A política de governar em aliança com a burguesia é de fato uma aliança contra a classe trabalhadora e contra as classes médias, favorecendo somente as grandes empresas, bancos, fundos de investimentos.

Essa política tem um efeito duplo. Primeiro, o efeito objetivo de promover a precarização do trabalho, a fragmentação da classe trabalhadora, a concentração de capital, que esmaga o pequeno proprietário. Além disso, um tremendo efeito subjetivo, ao provocar decepção, desorganização e desmobilização da classe trabalhadora.

CASTA

Forças Armadas seguem com sua tradição golpista e seus privilégios intocados

No tocante à FFAA, há uma terrível característica neste modelo de governo: conciliar com a cúpula militar. Precisamos, contudo, lembrar da década de 1970, que colocou Pinochet como Ministro do Exército.

Lula deixa nas mãos do STF a punição parcial dos golpistas e estende a mão à pacificação com a cúpula das FFAA, mantendo todos seus privilégios intocados. Começou por colocar Múcio como Ministro da Defesa; depois, por escolher o bolsonarista general Arruda para o Exército.

O mesmo Arruda, que só foi

retirado do cargo pós-8J e que não queria abrir mão de Mauro Cid para o posto de responsável pelos Batalhão de Operações Especiais. Se não bastasse, o general Estevam Theófilo, do Comando de Operações Terrestres, que concordou com a “Minuta do Golpe” e seria chave no mesmo, se manteve durante todo primeiro ano do governo Lula no seu posto, só indo para a reserva em novembro.

Os privilégios da cúpula militar também seguem intocados. Basta dizer que, mesmo que condenados pela Justiça Civil, a punição de seus membros está condicionada

à decisão da Justiça Militar.

Além disso, se perdem a patente e são afastados da força, mantém a aposentadoria para os herdeiros. E mais: até serem julgados, seguem com as promoções e os salários. O tenente coronel Mauro Cid, por exemplo, se não for julgado até abril, deve ser promovido a coronel e seu salário deve ir de R\$ 26 mil para R\$ 32 mil.

Lula ainda mantém o artigo 142 da Constituição, exigido pelos militares e interpretado por eles como uma garantia de que as Forças Armadas funcionam como um “poder moderador” na sociedade.

SEM ANISTIA!

Prisão e punição para Bolsonaro, militares golpistas e seus financiadores!

O governo, ainda, não se empenha para que a Comissão da Verdade e dos Mortos e Desaparecidos resgate a nossa memória. Joga para debaixo do tapete tarefas democráticas importantes, demonstrando que aliança com a burguesia é também a não-resolução sequer de questões políticas democráticas.

A classe trabalhadora deve exigir investigação e punição, até

o final, de Bolsonaro, dos militares golpistas e dos empresários, assessores e políticos envolvidos. Mas só deve confiar nas suas próprias forças, na sua mobilização, na independência política de classe e no caminho da sua autodefesa.

“Sem anistia para os golpistas” é uma exigência que só podemos conquistar e garantir com independência de classe e com mobilização. O caminho da

Frente Ampla não apenas não derrota os golpistas, como desarma completamente os trabalhadores e trabalhadoras, frente a iniciativas como esta.

**Sem Anistia para golpistas!
Sem mobilização e independência de classe não se derrota a direita**

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/42Rty9f](https://bit.ly/42Rty9f)

SÃO PAULO

A 'Frente democrática' de Boulos e a opção do PSOL por um governo de conciliação de classes

DEYVIS BARROS,
DE SÃO PAULO

A frente nas pesquisas para a Prefeitura da capital paulista, Guilherme Boulos (PSOL) busca reconstituir, em São Paulo, a experiência da Frente Ampla anti-bolsonarista que, em 2022, levou Lula à Presidência da República.

Em um vídeo recente, gravado em seu programa "Café com Boulos", o candidato afirmou que a situação do país iria exigir "colocar determinadas diferenças de lado e construir uma frente mais ampla possível em torno de valores democráticos e de combate às desigualdades sociais".

É compreensível que os trabalhadores e trabalhadoras de São Paulo queiram derrotar Ricardo Nunes (MDB) e que uma parcela deles veja em Boulos a possibilidade de vitória contra o candidato apoiado por Bolsonaro.

O primeiro mandato de Nunes foi tão apagado quanto danoso para os trabalhadores, os pobres e os setores oprimidos. Ele concluiu a Reforma da Previdência, iniciada por Haddad, piorando a aposentadoria dos servidores; aprovou leis que entregam, ainda mais, a cidade para a especulação imobiliária; privatizou equipamentos e serviços públicos; ajudou o governador Tarcísio na privatização da Sabesp (companhia de saneamento) e dificultou o acesso de mulheres ao aborto legal. Para completar, Nunes é aliado e fortalece o grupo político liderado por Bolsonaro.

Mas as escolhas políticas feitas por Boulos e pelo PSOL revelam a opção de formar um governo com a burguesia para administrar a maior cidade do país a serviço dessa classe. Não serão os trabalhadores, os mais pobres e os setores historicamente margina-

lizado que serão beneficiados em um governo como esse.

"FRENTE DEMOCRÁTICA" É FRENTE COM A BURGUESIA

Na "frente mais ampla possível em torno de valores democráticos e de combate às desigualdades sociais" encabeçada por Boulos cabem, inclusive, aqueles que não têm tanto compromisso assim com os valores democráticos e com o combate às desigualdades sociais.

A escolha de Marta Suplicy para sua vice é emblemática. Para assumir o posto de vice na chapa com Boulos, Marta teve que se demitir do cargo que ocupava como Secretária de Relações Internacionais na prefeitura de Nunes. Quando foi prefeita de São Paulo, ela atacou os servidores públicos com uma Reforma Administrativa e criou taxas que prejudicaram os mais pobres. Como senadora, votou a favor



Boulos quer reeditar em São Paulo a chamada Frente Ampla de Lula nas eleições de 2022

do Teto dos Gastos e da Reforma Trabalhista de Temer.

A Frente de Boulos abarca uma série de partidos burgueses, como a Rede Sustentabilidade, o Partido Verde e o PDT. Durante o ato de filiação de Marta ao PT, Boulos fez uma brincadeira afirmando que "se bobear, o Lula trás até o Tarcísio pra essa Frente". Não seria de se estranhar, já que os partidos do governador Tarcísio, o Republicanos, e inclusive do próprio prefeito Nunes, o MDB,

são parte base do Governo Federal e possuem ministérios.

O próprio Boulos tem buscado se afastar da imagem de um "radical que ocupa imóveis" e se aproximar de empresários, adotando um programa cada vez mais aceitável para os capitalistas e buscando mostrar que pode ser um prefeito eficiente para administrar a cidade, sem ameaçar os interesses das grandes empresas. Isso implica, por exemplo, em se manter afastado de lutas e greves da classe trabalhadora.

PARA ENFRENTAR OS CAPITALISTAS

Combate à ultradireita só com independência de classe

Vários trabalhadores e trabalhadoras defendem votar em Boulos para derrotar o bolsonarismo. Nós entendemos essa sensibilidade. Mas acontece que o tipo de governo que Boulos propõe não pode combater, até o fim, a ultradireita.

Para começar, porque incorpora em seu leque de alianças figurões que foram base, direta ou indiretamente, do bolsonarismo até pouquíssimo tempo atrás. A própria Marta Suplicy, que se manteve em silêncio como

secretária de Nunes, apesar da aproximação deste com Bolsonaro, é reflexo disso.

O exemplo do governo Lula, em quem Boulos se espelha, também é emblemático. Lula governa junto com conhecidos bolsonaristas, como Arthur Lira e José Múcio, alimenta setores burgueses que são base estrutural do bolsonarismo e não leva até o fim o enfrentamento contra os militares golpistas.

O resultado é que, após todos os escândalos de corrup-

ção e de uma tentativa golpista, Bolsonaro segue com sua base social e popularidade praticamente intactas.

Não é possível levar até o fim o combate à ultradireita sem combater frontalmente os grandes capitalistas que a alimentam e que não hesitam em fazer uso dela novamente para explorar e oprimir ainda mais os trabalhadores e o povo pobre. Boulos e Lula, com seus projetos de governar com a burguesia, não cumprirão esse papel.

O CAMINHO NÃO É A CONCILIAÇÃO



Construir uma alternativa socialista e independente

É preciso construir uma alternativa para São Paulo em oposição frontal a Ricardo Nunes e à direita bolsonarista. Mas que, tampouco, seja parte da Frente Ampla que, no Governo Federal, está junto com Arthur Lira, os banqueiros e os latifundiários que lucram com a miséria do povo pobre. Boulos e o PSOL infelizmente escolheram ser parte desse campo.

É preciso enfrentar as privatizações, a retirada de direitos e

os problemas como o desemprego e a pobreza que são causados pela ganância dos bilionários. Um governo para os trabalhadores paulistanos precisa enfrentar os super-ricos da Faria Lima (avenida símbolo do capital, em São Paulo) para garantir direitos sociais para os que mais precisam. Algo que nunca aconteceria governando junto com eles.

VERGONHA

Boulos lava as mãos diante do genocídio palestino

A decisão de se manter palatável para a burguesia está levando Boulos a cumprir um papel vergonhoso em relação ao genocídio praticado por Israel contra o povo palestino. Após meses de silêncio, em uma entrevista recente o psolista declarou que "não sou candidato a prefeito de Tel Aviv", lavando as mãos diante do massacre de milhares de mulheres e crianças palestinas.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/48RB371](https://bit.ly/48RB371)

8 DE MARÇO

Pelo fim da violência machista e pela legalização do aborto

SECRETARIA NACIONAL
DE MULHERES DO PSTU

Nada menos que 722 mulheres foram vítimas de feminicídio no primeiro semestre de 2023. Foram 18 a mais que no mesmo período do ano anterior. A violência sexual também cresceu: foram mais de 34 mil casos em seis meses, um estupro a cada oito minutos.

As agressões físicas, o assédio, a violência psicológica e moral também aumentaram. Segundo o DataSenado, 25,4 milhões de brasileiras (cerca de uma a cada três mulheres) já foram vítimas de violência doméstica ou familiar, provocada por homens, e 74% acreditam que a violência aumentou no último ano, com o destaque de que, não por acaso, a percepção sobre o aumento da violência machista é maior dentre as mulheres negras e indígenas.

INEFICÁCIA DAS LEIS

A ineficácia das leis na redução da violência é flagrante



e evidência que a legislação se transforma em letra morta, caso não houver vontade política para colocá-la em prática.

Mas, não foi o que vimos durante o primeiro ano de governo Lula, que não só não reverteu o desmonte das políticas para as mulheres do governo anterior, mantendo o míngua orçamento do combate à violência deixado

por Bolsonaro, como também tem destinado verbas pífiyas para programas federais. Basta lembrar que, até meados de dezembro de 2023, apenas 6% do orçamento para a construção e manutenção da Casa da Mulher Brasileira haviam sido empenhados.

Além disso, o atual governo foi incapaz de colocar em prática sequer uma campa-

nha nacional contra o machismo e a violência de gênero, como forma de buscar reverter a ofensiva ideológica reacionária do governo passado.

DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS SOB ATAQUE

Se de um lado a violência machista cresce; de outro, se intensificam os ataques aos nossos direitos sexuais e reprodutivos. Nos últimos meses, assistimos desde o fechamento de serviços que oferecem o aborto legal e a aprovação de leis municipais e estaduais com iniciativas para levar as mulheres que possuem esse direito a abrir mão dele, até ao avanço da tramitação, no Congresso, de leis que visam proibir totalmente o aborto.

Em janeiro passado, vimos até mesmo um hospital conveniado com o Sistema Único de Saúde (SUS), o São Camilo, em São Paulo, se recusar a implantar o DIU (dispositivo intrauterino) em usuárias do sistema que desejavam adotar esse método contraceptivo,

alegando ser um hospital de "orientação católica", mesmo este sendo um dos métodos mais seguros para evitar a gravidez.

E isso, ainda, com o respaldo da justiça, contrariando a Lei Orgânica de Saúde, de 1990, que impõe que instituições privadas de saúde devem oferecer "universalidade de acesso aos serviços de saúde em todos os níveis de assistência (...) sem preconceitos ou privilégios".

A omissão do governo Lula em pautar o debate sobre a legalização do aborto, em troca do apoio de deputados e senadores conservadores que compõe o Centrão no Congresso, para aprovar seus programas de ajuste, como o Arca-bouço Fiscal e as reformas Tributária Administrativa, ajuda a fortalecer os setores de ultradireita na sua ofensiva ideológica reacionária, sendo que, ao final, quem paga a conta somos nós, mulheres trabalhadoras e pobres, que temos nosso direito de decidir constantemente negado.

MOBILIZAÇÃO

Mulheres trabalhadoras, vamos às ruas!



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3UNT2RB](https://bit.ly/3UNT2RB)

Não podemos esperar pela boa vontade do governo. É preciso nos organizarmos desde já para exigir o fim à

violência, incluindo a implementação de medidas efetivas para assegurar às mulheres mecanismos para evitar que sigam sendo vítimas de abusos, agressões e feminicídios.

Para tal, são necessárias medidas como delegacias especializadas 24h, casas-abrigo, centros de referência às mulheres vítimas de violência etc. Bem como exigir emprego e salário decentes para as mulheres, moradia, creches para nossos filhos, a revogação das contrarreformas sociais e o fim das terceirizações.

Apoiadas nas organizações da classe trabalhadora, como sindicatos e movimentos, devemos dar início, já, a uma ampla campanha contra

o machismo, a violência e todas as formas de assédios.

Além disso, é preciso denunciar a hipocrisia da ultradireita e a omissão do governo em relação aos nossos direitos sexuais e reprodutivos e levantar a bandeira em defesa do direito de decidir e pela legalização do aborto.

CONTRA AS PRIVATIZAÇÕES E O DESMONTA DOS SERVIÇOS PÚBLICOS

O avanço das privatizações, seja de forma aberta, pela entrega direta do patrimônio público, ou disfarçada, via Parcerias Público-Privadas (PPPs), representa um enorme risco para a população mais pobre, em especial as mulhe-

res, que ficará mercê de tarifas exorbitantes e precarização do fornecimento desses serviços.

Por isso, a luta contra as privatizações e a defesa dos serviços públicos não são

questões secundárias para as mulheres trabalhadoras, mas uma demanda importantíssima e necessária que deve ser parte da nossa luta nesse 8 de março.

PALESTINA LIVRE

Pelo fim do genocídio em Gaza

O atual ataque de Israel à Gaza já deixou mais de 28 mil palestinos mortos e outros 69 mil feridos. Um verdadeiro massacre cujas principais vítimas são mulheres e crianças. Não podemos ficar indiferentes face ao que está acontecendo ao povo e às mulheres palestinas. Exigimos o fim imediato do genocídio em Gaza.

Todo nosso apoio e solidariedade às mulheres palestinas e sua luta pelo fim do Estado de Israel e por uma Palestina livre e laica, do rio ao mar!

Netanyahu reproduz extermínio nazista, sim! Lula tem que romper relações com o Estado genocida

FÁBIO BOSCO,
DE SÃO PAULO

No domingo, 18, o presidente Lula deu uma coletiva de imprensa na capital da Etiópia, Addis Abeba, e expressou sua indignação com o genocídio em curso em Gaza, comparando-o com o holocausto nazista, e defendeu um cessar-fogo imediato e o livre ingresso da ajuda humanitária na faixa de Gaza.

No mesmo dia, o primeiro-ministro israelense, Binyamin Netanyahu, declarou que comparar as ações dos nazistas na Europa com a ação do Estado de Israel em Gaza era inadmissível, e chamou a declaração de Lula de antissemita – neste caso, discriminação contra os judeus.

No dia seguinte, o Estado de Israel montou uma provocação e convocou o embaixador brasileiro para “reprimendas” em um local público, o memorial do Holocausto Yad Vashem, na Jerusalém Ocupada, onde o ministro israelense de Relações Exteriores, Israel Katz, declarou que o presidente Lula é “persona non grata” no Estado sionista.

O governo brasileiro então decidiu retirar seu embaixador de Tel Aviv por dez dias, um sinal diplomático de desacordo com a provocação sionista.



CONTRA NETANYAHU, O SIONISMO E A DIREITA ABERTAMENTE PRÓ-SIONISTA

É preciso repudiar estas ações diplomáticas de Netanyahu e do Estado de Israel que, na verdade, são um ataque e uma provocação contra o Brasil e todos aqueles e aquelas que criticam Israel.

Vale lembrar que o Estado de Israel é correia de transmissão dos países imperialistas. Não deixa de ser ridículo, também, que 91 deputados brasileiros estejam pedindo impeachment de Lula por isso. Só mostra o nível de subserviência de parte da direita brasileira à pauta sionista e imperialista. E deve servir de reflexão, aliás, o fato de que 20 assinaturas desse pedi-

do tenham vindo da própria base aliada do governo. Serve como alerta sobre a importância de ser oposição de esquerda a ele.

Não há nada de antissemitismo em criticar o Estado de Israel. E ser contra o Estado de Israel não tem nada a ver com ser contra os judeus. Tanto é assim que existem muitos judeus contrários à política sionista e ao Estado de Israel, para além do próprio governo desastroso de Netanyahu.

NETANYAHU ISOLADO

Esta controvérsia diplomática se dá em um momento no qual o governo Netanyahu perdeu a guerra por corações e mentes na maioria dos países do mundo, onde o genocídio israelense em Gaza é impopular. Além disso, Netanyahu conta com o apoio de apenas 15% da população israelense e o fim do genocídio implicará no fim do seu governo e seu julgamento por crimes de corrupção.

Por isso, Netanyahu quer manter o genocídio em Gaza a qualquer custo, bem como expandir o conflito para o Líbano, a Síria e o Irã. Mesmo em meio ao genocídio, as manifestações de israelenses pedindo a queda do governo Netanyahu e novas eleições crescem a cada semana.

Além disso, os patrocinadores do Estado de Israel, como os Estados Unidos e os países europeus, também enfrentam protestos operários e populares.

A POLÍTICA DE LULA

Desde o início do genocídio em Gaza, o governo Lula buscou uma posição equidistante, criticando tanto o que ele denomina de “ações terroristas do Hamas” quanto o genocídio israelense. Além disso, em um flerte com os sionistas, Lula defende a libertação dos presos israelenses em Gaza, mas nada fala sobre os milhares de presos políticos palestinos aprisionados pelo Estado de Israel.

Passados mais de quatro meses, a realidade cruel em Gaza, com 29 mil mortos, nove mil desaparecidos, mais de cem mil feridos, casas, hospitais e escolas destruídos pela ação genocida israelense, incendeia a solidariedade internacional com Gaza e obriga diversos governos a realizarem gestos simbólicos de desagrado. Este é o caso do presidente Lula.

Lula apoiou a reivindicação da África do Sul de levar o Estado de Israel ao banco dos réus na Corte Internacional de Justiça, por crime de genocídio. Também anunciou a ampliação do financiamento à agência da Organização das Nações Unidas (ONU) de assistência aos milhões de refugiados palestinos, a UNRWA (na sigla em inglês). E, agora, fez a comparação das ações israelenses com as ações nazistas e a ordenou a retirada do embaixador brasileiro por dez dias.

Estes gestos simbólicos são importantes, mas Lula, através deles, busca atrair o apoio do povo palestino, e evitar uma medida de ruptura com o Estado de Israel.

INICIATIVAS IMPORTANTES, MAS LIMITADAS DIANTE DO GENOCÍDIO NA PALESTINA

O problema da declaração de Lula é o contrário das críticas que ele vem recebendo. O problema é que ela ainda é limitada. O povo palestino, neste momento, precisa de muito mais. O reconhecimento de que há um genocídio em curso deve ser acompanhado pela ruptura de todas as relações diplomáticas, econômicas e políticas com Israel.

Senão for assim, seria similar a manter relações com a Alemanha nazista ou com a África do Sul, durante o regime do apartheid. Outro problema é que, diante de um genocídio em curso, qualquer equiparação entre a resistência do povo palestino com a violência do Estado de Israel serve ao Estado de Israel.

Na história da diplomacia brasileira, a defesa do Estado de Israel sempre esteve presente. Num primeiro momento, a linha diplomática de Osvaldo Aranha de alinhamento incondicional com os Estados Unidos, levou ao apoio incondicional ao Estado de Israel desde sua formação.

Nos anos 70, durante a ditadura militar, o ministro Azeredo da Silveira manteve o apoio ao Estado de Israel, mas tornou pública a posição brasileira favorável a constituição de um Estado Palestino ao lado do Estado de Israel.

Durante os treze anos de governos petistas, esta posição em defesa de dois Estados foi mantida, mas o Brasil se tornou um dos cinco maiores importadores da indústria armamentista israelense. Com Bolsonaro, houve um alinhamento incondicional com Israel, e, agora, o governo Lula busca retornar a política brasileira para a defesa dos dois



Estados e de crítica às atrocidades israelenses.

A POLÊMICA SOBRE O HOLOCAUSTO

O holocausto nazista na Europa representou o assassinato em escala industrial de milhões de judeus, ciganos, dissidentes de esquerda, pessoas LGBTI+ e os povos da ex-União Soviética em campos de extermínio e execuções sumárias.

No entanto, esse não foi o único holocausto na História. O holocausto nuclear, em Hiroshima e Nagasaki, é outro exemplo conhecido. O conhecido intelectual norte-americano Mike Davis escreveu “Holocaustos Coloniais – a criação do Terceiro Mundo” (Editora Veneta,

2022), no qual denuncia o extermínio de 50 milhões de pessoas. A jornalista Daniela Arbex escreveu “O Holocausto Brasileiro” (Editora Intrínseca, 2019), sobre a tragédia do sistema manicomial brasileiro, particularmente no Hospital Colônia de Barbacena.

Então, o uso do conceito de holocausto não é exclusivo ao extermínio nazista. E tampouco devemos comparar um holocausto com outro. Todos os holocaustos devem ser combatidos e o sofrimento de suas vítimas respeitados.

O que é necessário é entender o que está ocorrendo na faixa de Gaza. A desumanização das famílias palestinas, seu assassina-



to em massa, seja por bombardeios indiscriminados e execuções em massa, ou por tornar impossíveis as condições de sobrevivência em Gaza, se caracteriza como um holocausto.

Não é maior nem menor que qualquer outro extermínio em massa. Por isso, organizações de judeus antissionistas e sobreviventes do holocausto utilizam o chamado “Nunca Mais, para Mais Ninguém”.

ROMPER RELAÇÕES COM O ESTADO GENOCIDA

Os palestinos estão enfrentando um genocídio e Lula não pode ser limitar a fazer gestos diplomáticos. É necessário que Lula rompa todas as relações diplomáticas, comerciais, militares e institucionais com o Estado de Israel, medida defendida pelos movimentos de solidariedade à Palestina.

O PSTU chama a classe trabalhadora, as organizações sindicais, os movimentos populares, os grupos de Direitos Humanos e os partidos de esquerda para fortalecerem a mobilização em apoio ao povo Palestino e a se somarem à campanha para que Lula rompa todas as relações com o Estado terrorista de Israel.

CHEGA DE MASSACRE

Pelo fim do genocídio em Gaza e na Cisjordânia!



O genocídio de Israel contra os palestinos não se limita aos bombardeios e às execuções efetuadas pelas tropas israelenses. Ele também se expressa no bloqueio à ajuda humanitária, na destruição das moradias, escolas, hospitais além das redes de energia, água e esgoto que tornam Gaza inabitável.

Os horrores desse holocausto de palestinos e pa-

lestinas gerou a maior onda internacional de solidariedade ao povo palestino. A população da maioria dos países exige o fim do genocídio, com um cessar fogo imediato. Os dias de mobilização pela Palestina juntam centenas de milhares de manifestantes em mais de cem cidades espalhadas ao redor do mundo, colocando enorme pressão sobre os governos.

Apesar do repúdio internacional, os países imperialistas continuam atuando para salvar o Estado de Israel. O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, enfrenta protestos diários e é obrigado a criticar a manutenção de palestinos e o bloqueio da ajuda humanitária. No entanto, ele continua enviando armas para Israel e cortou o financiamento da

UNRWA, agência da ONU para assistência aos refugiados palestinos.

Os governos árabes são obrigados a fazer declarações de apoio aos palestinos, mas a maioria deles também atua para auxiliar Israel. É o caso dos Emirados Árabes, da Arábia Saudita e da Jordânia, que fizeram uma rota terrestre para enviar mercadorias para Israel, evitando o bloqueio no Mar Vermelho, efetuado pelos iemenitas houthis, única força árabe efetivamente solidária aos palestinos.

OS PALESTINOS SÓ PODEM CONTAR COM SUAS FORÇAS E A SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

O chamado “Eixo da Resistência”, formado pelo regime iraniano, o regime sírio e o Hezbollah, frustrou os palestinos pela sua moderação frente à ofensiva genocida israelense. Mesmo a Rússia, que tem ba-

terias antiaéreas na Síria, se recusa a derrubar os aviões israelenses que bombardeiam a Síria todas as semanas.

Neste mês de fevereiro, a Corte Internacional de Justiça está realizando audiências nas quais 52 países têm se posicionado frente ao genocídio em Gaza e, ao final, a Corte avaliará se Israel está tomando medidas contra o genocídio. No entanto, não é possível confiar nas instituições dessa ordem mundial imperialista e injusta.

O povo palestino pode apenas confiar nas forças da resistência palestina e em seus aliados, na classe trabalhadora árabe e de todo o mundo. É a unidade destas forças sociais que pode derrotar o Estado genocida de Israel e abrir o caminho para a libertação de toda a Palestina, do rio ao mar.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3ONG5DE](https://bit.ly/3ONG5DE)

NÃO À CENSURA



SOLIDARIEDADE A BRENO ALTMAN!

A Confederação Israelita do Brasil (Conib), organização sionista apoiadora do genocídio em Gaza, recorreu ao poder judiciário para silenciar o jornalista judeu e fundador do portal “Opera Mundi” Breno Altman pelo seu posicionamento solidário aos palestinos.

Unimos nossas vozes na defesa de Breno e exigimos que o poder judiciário revogue as decisões para limitar a liberdade de expressão. Censura Nunca Mais!

CARNAVAL

A luta em defesa do povo palestino ecoou nos blocos país afora

ROBERTO AGUIAR, DE SALVADOR (BA)

Não teve Carnaval na Palestina. Enquanto brincávamos atrás dos trios elétricos, nos bloquinhos, nos grupos de frevo ou nos desfiles das escolas de samba, o Estado racista e genocida de Israel seguia bombardeando Gaza.

Mas o povo brasileiro não deixou de expressar apoio e solidariedade aos palestinos em meio a maior festa popular do país. Dezenas de blocos carnavalescos assinaram um manifesto em apoio à causa palestina, outros tomaram esse tema como central em seus desfiles,

como foi o caso do tradicional bloco 'Acorda Peão', formado por sindicatos e movimentos sociais da cidade de São José dos Campos (SP), onde cerca de 800 pessoas se reuniram para



Bloco Então Brilha em BH

curtir o Carnaval e protestar.

Na capital paulista, cerca de 30 blocos de rua assinaram o manifesto "Carnaval é diversão e resistência: Palestina livre". A bandeira da Palestina esteve presente no desfile de vários blocos, como a "Banda do Trem Elétrico", o "Sô Fia da Vida", os "Unidos da Madrugada", "Agora Vai" e "Unidos da Ursal".

BELO HORIZONTE

"Carnaval de BH é resistência e solidariedade! Palestina livre do rio até o mar!", dizia um cartaz no trio elétrico do bloco "Então, Brilha!". A ação fez parte da campanha

"Carnaval da Resistência e da Solidariedade" organizada pelo Comitê de Solidariedade à Palestina, também integrado pelo PSTU.

Ações foram realizadas durante toda a folia momesca na capital mineira em outros blocos, a exemplo do "Orisamba", do "Pena de Pavão", da "Maria Baderna" e do "Pisa na Fulô".

OLINDA

Na cidade histórica pernambucana, o bloco "Cabelo de Fogo" realizou seu 10º desfile. O cortejo, que foi acompanhado pela "Orquestra 100% Camará", teve como tema a luta contra as opressões do Brasil até a Palestina. O bloco

organizado pelo PSTU é uma homenagem à companheira Sandra Fernandes e seu filho Icauã, vítimas da violência machista, que nos deixaram no Carnaval de 2014.



Bloco Cabelo de Fogo em Olinda

ABRE ALAS PARA O PROTESTO

Defesa dos povos originários e quilombolas e a denúncia da violência policial ganharam espaço



Bloco Acorda Peão

Com o enredo "Hutukara", que na língua yanomami significa "o céu original a partir do qual se formou a terra", a Escola de Samba Salgueiro exaltou a mitologia Yanomami e levantou a bandeira em defesa da Amazônia no Carnaval do Rio de Janeiro.

"Napê, nossa luta é sobreviver! / Napê, não vamos nos render!", diz a letra do samba-enredo da Salgueiro, em momento que o garimpo ilegal voltou a ocupar, com força, as terras yanomami no Norte do Brasil (ver página 5).

SALVADOR

Na tradicional "Mudança do Garcia", que acontece na capital baiana, os militantes do PSTU e ativistas da CSP-Conlutas desfilaram com uma faixa cobrando do governador Jerônimo Rodrigues (PT) o fim dos assassinatos dos povos negro, indígena e quilombola. A Bahia tem sido palco de um forte conflito agrário contra indígenas na região Sul do estado e contra quilombolas da região do Recôncavo, com assassinatos de lideranças como Mãe

Bernadete, do Quilombo Pitanga dos Palmares.

SÃO PAULO

Com um enredo em homenagem ao Quilombo Quingoma, localizado na cidade de Lauro de Freitas, na Bahia, a Escola de Samba Penha Grupos foi campeã do grupo de Acesso dos Bairros de São Paulo.

O Quilombo Quingoma resiste contra a ofensiva do setor imobiliário, que juntamente com o governador do PT, Jerônimo Rodrigues, tenta roubar as terras da comunidade quilombola. A Escola de Samba da Penha ajudou a ecoar a luta do Quingoma. A militância do PSTU da Zona Leste e do Quilombo das Rosas participaram do desfile.

Já no desfile das principais escolas de samba da capital paulista, a Vai-Vai levou à avenida o enredo "Capítulo 4, Versículo 3, da rua e do povo, o Hip Hop: um manifesto paulistano", uma crítica ao que se entende por cultura na cidade

de São Paulo, que, por anos, tentou excluir manifestações culturais como o hip hop.

O desfile, que ofereceu alguns recortes históricos, mencionando a Semana de Arte Moderna de 1922 e o lançamento do álbum "Sobrevivendo no Inferno", dos Racionais MCs, de 1997, além de resgatar figuras importantes na história da música negra paulista, como Nelson Triunfo e Sabotage, teve uma ala com pessoas fantasiadas de policiais, usando capacetes com chifres

e asas vermelho-alaranjadas, fazendo alusão a demônios.

A escola de samba recebeu críticas do governador bolsonarista Tarcísio de Freitas e do Sindicato dos Delegados de Polícia do Estado de São Paulo (Sindesp). A Vai-Vai fez um desfile certeiro, pois para a população da periferia, negra e indígena em sua maioria, muitas vezes as polícias atuam, sim, como verdadeiras hordas demoníacas.

LEIA NO SITE: [HTTPS://BIT.LY/3ON02E0](https://bit.ly/3ON02E0)



Desfile da Vai-Vai em São Paulo